



## A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO E SUA LINGUAGEM

Ana Paula Dallo<sup>1</sup>

### RESUMO:

A chegada dos Europeus ao Brasil em 1500 trouxe muito espanto, tanto da parte dos visitantes quanto da parte dos nativos. E com o tempo foram descobrindo quem eram os recém-chegados, e o que queriam, mas já era tarde, e a dizimação de grande parte da população indígena e posteriormente a escravização dos que restaram, foi o que aconteceu. Então se iniciou o processo civilizatório, onde se mesclaram índios com portugueses, ocupando todo o território brasileiro, bem como os utilizando principalmente para a escravização, e quando precisavam de mais escravos, os negros foram capturados e trazidos para cá, auxiliando também na miscigenação brasileira. E o idioma no Brasil até o século XV era a língua geral até o ano 1808, quando o império português impede nas escolas de usá-la, passando a disseminar a língua portuguesa, tornando-a mais falada do país.

**Palavras-chave:** Índios. Negros. Europeus. Escravização. Língua Portuguesa.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de como foi a chegada dos Europeus ao Brasil, o impacto que teve, as consequências, a formação do povo brasileiro, bem como a mistura de culturas que originou este povo, como chegaram os negros e para que vieram, o que restou dos costumes indígenas e africanos, enfim, desenvolve sobre o processo civilizatório, a formação de núcleos independentes, quando os índios são separados de suas tribos e começa a miscigenação.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 6º período do Curso de Letras, da Faculdade de Ampére - FAMPER [aniinha\\_dallo.r@hotmail.com](mailto:aniinha_dallo.r@hotmail.com)

Acrescenta sobre a questão da linguagem nacional no Brasil, que antes da chegada dos Europeus e por um longo tempo, foi a língua Geral, até quando posteriormente é inserido o Português como língua oficial e nacional.

O objetivo central é demonstrar tamanha importância, complexidade e beleza da história brasileira, como ela foi formada, desde a chegada dos colonizadores, a mistura de culturas, sendo uma das mais diversificadas nações do mundo.

## **2. A CHEGADA DOS EUROPEUS E O PRIMEIRO CONTATO**

Em 22 de abril de 1500, foi quando caravelas da esquadra portuguesa, comandada por Pedro Álvares Cabral chegaram ao litoral sul do que chamamos atualmente de Bahia, esta descoberta se deu por meio das grandes navegações e descobrimentos marítimos, tanto de Portugal, quanto da Espanha, que na época eram as nações mais poderosas do mundo. Mas foi somente dois dias depois da chegada, que ocorreu o primeiro contato do povo indígena com os portugueses.

Os índios perceberam a chegada do europeu como um acontecimento espantoso, só assimilável em sua visão mítica do mundo. Seriam gente de seu deus sol, o criador – Maíra -, que vinha milagrosamente sobre as ondas do mar grosso. Não havia como interpretar seus desígnios, tanto podiam ser ferozes como pacíficos, espoliadores ou dadores (RIBEIRO, 1995, p. 42).

Em primeiro momento, houve um grande estranhamento entre as duas partes, índios estranhavam as vestimentas e barbas dos portugueses, e os portugueses pelo fato de os índios não utilizarem nada, a diferença na cultura era grande. Outro fato é que os índios achavam que os recém-chegados seriam pessoas generosas. Fétidos, feios e infectos, não podiam negar, mas nada que uma comida e um banho não resolvessem, criaram tantas esperanças sobre os visitantes, que alguns até embarcaram, crenes que iriam para a Terra sem Males, morada de Maíra. Mas pouco tempo depois os índios começam a ver o infortúnio que pairou sobre eles, pois após o Pau-Brasil, o índio passou a ser o maior produto de exportação para a capital.

Até que puderam os índios defenderam seu modo de viver e de ser, principalmente depois de perceberem quem eram aqueles, que os fizeram como bestas de carga. Cada tribo lutava para resistir, mas sem sucesso, pois o outro lado era bem mais forte, organizado e armado. Contudo, houve algo que devastou em nível bem superior do que as espadas e armas de fogo, os invasores trouxeram consigo várias doenças, mais de 40 mil índios morreram atacados de varíola, quando

reunidos pelos jesuítas nas aldeias do Recôncavo. Os sacerdotes em suas cartas a el-rei comentavam que os índios morriam feito moscas, cuspiendo sangue e apenas suas almas poderiam ser salvas. No entanto, o que os trouxe mais ruína, ao invés de protegê-los, foram os jesuítas, que serviam também à Coroa, onde tinham a intenção de eliminar a integridade étnica dos índios, para que eles se afastassem de suas tribos e se vinculassem às missões. E infelizmente obtiveram tanto êxito neste papel alienador, quanto na total responsabilidade de dizimação que resultou.

Nas tarefas da conversão do gentio e sua integração na cristandade, foram soldados principais o jesuíta, o franciscano e o carmelita. Os inacianos, inspirando, apoiando, incentivando o braço secular para que, guerreando e avassalando, pusessem os índios, humilhados, a seus pés dentro das missões (RIBEIRO, 1995, p. 60).

A propósito o objetivo dos missionários era concretizar as profecias bíblicas, não transferindo o comportamento europeu para os índios, mas sim reinventar aqui um ser humano que desenvolva suas capacidades, tendo assim uma sociedade sensível, justa e orante, como os profetas idealizavam. E durante décadas não comentaram absolutamente nada nem tiveram piedade a respeito dos índios mortos, das aldeias incendiadas, das crianças, homens e mulheres escravizados. Somente mais tarde compreenderam que haviam sido derrotados com a reclusão dos índios nas missões e, por conseguinte na evangelização, o que levou a expulsão dos inacianos da América e mais tarde os índios nas mãos dos colonos para a escravidão.

### **3. O PROCESSO CIVILIZATÓRIO E DE MISCIGENAÇÃO**

O desenvolvimento da civilização ocorreu por meio da revolução tecnológica, que possibilitou em grande parte as navegações oceânicas. O primeiro passo foi com os Iberos, quando assumem seu território através de um poder centralizado. Posteriormente avançam para os mares, às guerras, em busca de conquistar, saquear e evangelizar os povos da África e Ásia, e principalmente das Américas, onde se dá o fundamento do primeiro sistema econômico, interrompendo o desenvolvimento autônomo das grandes civilizações americanas.

O processo civilizatório, acionado pela revolução tecnológica que possibilitou a navegação oceânica, transfigurou as nações ibéricas, estruturando-as como impérios mercantis salvacionistas. Assim é que se explica a vitalização extraordinária dessas nações, que de repente ganharam uma energia expansiva inexplicável numa formação meramente feudal e também numa formação capitalista. (RIBEIRO, 1995, p. 64).

Com base nessas transformações, foi que a população indígena das Américas e do Brasil se viram convocados à civilização nascente. A partir daí, dois estilos de colonização surgiram ao norte e sul do Novo Mundo, o primeiro é o Gótico, de gentes nórdicas, transportadas em famílias inteiras, caracterizados como ótimos para mão-de-obra. Para eles os índios eram insignificantes, estavam ali para sujar a paisagem, sendo que para se europeizar deveriam livrar-se deles.

E o segundo estilo de colonização foi o Barroco, dos Ibéricos, mestiçados, que mesclavam com os indígenas, porém também não os reconheciam, os índios eram vistos apenas como multiplicadores de braços fortes para o trabalho.

Nestes dois estilos de colonização foi que surgiram e se edificaram as bases da sociedade brasileira, por meio dos primeiros engenhos açucareiros, vinculados a núcleos extrativistas do mercado mundial.

Todavia, o que possibilitou a formação do povo foi o cunhadismo, que foi possível graças ao sistema de parentesco classificatório indígena, onde o estranho aceitava a moça e possuía nela sua temericó<sup>2</sup>.

[...] e, em todos os seus parentes da geração dos pais, outros tantos pais ou sogros. O mesmo ocorria em sua própria geração, em que todos passavam a ser seus irmãos ou cunhados. Na geração inferior eram todos seus filhos ou genros. Nesse caso, esses termos de consanguinidade ou de afinidade passavam a classificar todo o grupo como pessoas transáveis ou incestuosas. Com os primeiros devia ter relações evitativas, como convém no trato com sogros, por exemplo. Relações sexualmente abertas, gozosas, no caso dos chamados cunhados; quanto à geração de genros e noras ocorria o mesmo. (RIBEIRO, 1995, p. 81).

Os estrangeiros europeus também praticavam o cunhadismo, porém como forma de recrutamento para o feitiço, pois os índios ficavam encantados com tamanhas preciosidades trazidas em seus navios, ficando assim mais simples ludibriá-los. Por outro lado, mais tarde os estrangeiros começaram a fazer guerras de captura de escravos, pois a necessidade de mão-de-obra se tornou grande.

Entretanto, apesar dos malefícios que mais tarde os europeus trouxeram aos nativos, o cunhadismo foi a forma que fez surgir a grande camada de gente mestiça que por fim ocupou o Brasil, pois os povos europeus que para cá vieram, eram uns poucos naufragos e degradados, e

---

<sup>2</sup> Quando índias tornavam-se amantes dos europeus (portugueses) após o descobrimento do Brasil, a tribo inteira tornava-se parente do estrangeiro.

sozinhos não conseguiriam ocupar o país. Estes, com o tempo começaram a adaptar-se aos costumes indígenas, na linguagem, participando de cerimônias, e da cultura em geral, e mais tarde foram formando núcleos independentes das aldeias. O primeiro núcleo a ser formado foi o paulista, depois o baiano, pernambucano, potiguara, paraibano, entre vários outros.

Em aproximadamente 1570 os portugueses já haviam dominado solidamente o lugar, em oito implantações, sendo de 30 a 40 mil, na maioria mamelucos (nome dado pelos jesuítas, espantados com a desumanidade com que eram castigados), na Bahia é que se concentrava o maior número de escravos, eram oito mil índios e quatro mil negros africanos, que além do mais vinham aumentando constantemente.

Os dois portos da baía de Pernambuco começavam a ser as bocas de entrada da mão-de-obra que iria, daí em diante, edificar quanto se edificou, produzir quanto se produziu no Brasil, que eram os negros africanos (RIBEIRO, 1995, p.96).

Posteriormente, no nordeste surge uma nova formação de brasileiros, que sobrevém pela mestiçagem de europeus com índios, e a seguir pela presença cada vez mais evidente de escravos negros, que assim contribuíram para os chamados brasilíndios ou mamelucos, mas foram os portugueses de São Paulo que gestaram a maior parte destes mestiços.

Bem como, no que se refere à escravização indígena, ela perdurou por um longo período, pra ser mais exato por todo o primeiro século, e somente no século XVII é que a escravidão negra é destacada, sendo submetidos à produção mercantil de exportação. Porém os escravos indígenas eram preferíveis, para as funções de carga, por terra ou água, cultivo de alimentos, para a caça e pesca, buscavam índios que suprissem suas necessidades e se renovassem à medida que fossem sendo desgastados, apanhavam-nos para que produzissem tudo o que comiam, usavam ou comercializavam, além de serem mais baratos.

O índio podia ser legalmente escravizado porque aprisionado numa guerra justa; ou porque obtido num justo resgate; ou porque capturado num ataque autorizado; ou porque liberado do cativo de alguma tribo que ameaçava comê-lo; ou ainda porque compunha um lote de que se pagara o quinto ao governo local (RIBEIRO, 1995, p. 101).

Ademais, alguns fatos curiosos da época, é que a escravidão voluntária também acontecia, para aqueles índios maiores de vinte e um anos, quando em necessidade podiam se vender, cientes do que era ser escravo. E os índios que eram comprados dos pais para serem treinados ao trabalho,

ou trazidos por bugreiros ou regatões para introduzi-los ao cristianismo, e até mesmo índios retidos como cativos, quando eram gerados de uma escrava com um índio.

A propósito, a participação dos afro-brasileiros na miscigenação também foi de extrema relevância, mas foi com sua mão-de-obra na produção açucareira e na massa trabalhadora que produziu tudo o que temos aqui, que eles foram realmente essenciais.

Quando chegaram à terra nova, juntamente com outros escravos muito diferentes em diversos aspectos e hostis pelos conflitos de origem, os negros foram obrigados a adaptarem-se àquela cultura, mas influenciando também além de serem influenciados, em maior parte no nordeste açucareiro e nas zonas de mineração no centro do país. Entretanto à medida que eram submetidos a produzir o que não consumiam, iam sendo desculturados de seus hábitos africanos e ao mesmo tempo aculturando-se aos costumes brasileiros.

O negro transita, assim, da condição de boçal – preso ainda à cultura autóctone e só capaz de estabelecer uma comunicação primária com os demais integrantes do novo contorno social – à condição de ladino – já mais integrado na nova sociedade e na nova cultura. Esse negro boçal, que ainda não falava o português ou só falava um português muito trôpego, era entretanto perfeitamente capaz de desempenhar as tarefas mais pesadas e ordinárias na divisão de trabalho do engenho ou da mina. (RIBEIRO, 1995, p. 116).

Mas em alguns aspectos a cultura negra ainda sobreviveu, foi no plano ideológico, nas crenças religiosas e práticas mágicas que o negro se apegava, tentando consolar-se pela desgraça do que estava lhe acontecendo, e afastar-se das ameaças do mundo, e juntamente com a religião o que ainda é presente, são as músicas, saberes e a culinária.

Por outro lado, o Brasil que se formava neste período foi o mais cruel possível na questão escravista, os africanos começavam a sofrer desde o momento em que eram capturados, eram transportados de forma desumana, em navios no meio de centenas de outros, sem comida, sem água, sem dignidade alguma, e se de fato chegassem vivos ao destino eram examinados como cavalos magros, analisando seus dentes, tornozelos e punhos, para aí sim serem arrematados, e outra etapa de sofrimento ser iniciada, onde trabalhavam por dezoito horas ou mais sem descanso, sem alimentação digna de seres humanos, sem nenhum tipo de amor, nem próprio, nem de família, sem identificação de ninguém, sofrendo com castigos diários, para nunca esquecerem quem são e de nunca pensarem em fuga. Pois entrando na vida escrava só se tinha duas saídas, a da morte ou a da fuga e mesmo aqueles que conseguiam fugir, eram capturados novamente e aí sim, seu fim era naquele momento.

A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, seviciar e machucar os pobres que lhes caem às mãos. Ela, porém, provocando crescente indignação nos dará forças, amanhã, para conter os possessos e criar aqui uma sociedade solidária (RIBEIRO, 1995, p. 120).

Por fim, não existe povo que passe por isso durante séculos, e não saia marcado. Deve-se ter em mente que o povo brasileiro é carne daqueles sofridos e todos são, e sempre serão descendentes de escravos e de senhores de escravos, sentindo tanto a dor da chibata quanto a dor do exercício da malignidade.

#### **4. A LÍNGUA PORTUGUESA COMO OFICIAL NO BRASIL**

A língua portuguesa formou-se na Europa, devido à modificação que o latim passou, entrando em contato com outras línguas a partir da chegada dos romanos, no século II A.C., e depois de um longo período de mudanças foi transportada para o Brasil nas grandes navegações, do final do século XV e início do XVI.

Mas é em 1532 que a língua portuguesa vai para o Brasil, com a colonização, assim entrando em contato com outros povos que falavam outros idiomas, tornando-se a língua oficial e nacional do país. A história do português como língua oficial brasileira se divide em quatro períodos, considerando a relação que teve com as demais linguagens aqui já existentes.

O primeiro momento é com o início da colonização, até a saída dos holandeses do Brasil, que segundo Guimarães:

[...] nesse período o português convive, no território que é hoje o Brasil, com as línguas indígenas, com as línguas gerais e com o holandês, esta última a língua de um país europeu e também colonizador. [...] O português, como língua oficial do Estado português era a língua empregada em documentos oficiais e praticada por aqueles que estavam ligados à administração da colônia (GUIMARÃES, 2005, p. 24).

Este foi o momento onde os recém chegados depararam-se com a imensidão e a riqueza do lugar, porém não conseguiam se comunicar com os nativos, encontrando dificuldades no início. O segundo momento do aportuguesamento brasileiro segundo Guimarães “[...] é com a saída dos

holandeses do Brasil e vai até a chegada da família real portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808”. (2005 p. 24).

Quando isso acontece o português tem mais facilidade para se instalar no país, pois não há mais nenhuma concorrência entre línguas de Estados, somente as línguas indígenas e dos escravos, bem como a população que era em maioria índios, passou a receber milhares de negros e portugueses, no qual século após século ia-se aumentando este número, e também os dialetos começaram a aparecer, pois os novos portugueses trazidos de Portugal eram de regiões diferentes. Ainda, outra característica desta época foi a interferência do império português nas escolas, para impedir o uso da língua geral, tornando o português a língua mais falada do Brasil, além do declínio definitivo da língua geral no país.

O terceiro momento da inserção do português no Brasil, foi com a vinda da família real em 1808, após a guerra com a França e anterior a independência, podendo marcar esta época em 1816, ano em que é finalmente exposto o tema de língua nacional do Brasil no Parlamento brasileiro. E em seguida outro fato bastante relevante foi a criação da imprensa e da Biblioteca Nacional, por Dom João VI, dando a língua portuguesa um instrumento de circulação, bem como o efeito que isto produziu, sendo idioma único, do rei e da corte.

E o quarto momento começa em 1826, quando o deputado José Clemente propõe que os diplomas fossem reproduzidos na língua brasileira, ocasionando posteriormente grandes discussões sobre, ensinar nas escolas a ler e a escrever com a gramática nacional, que estava sendo implantado, ou seja, a língua que já era oficial se tornando nacional.

E é neste momento, que começaram a surgir as grandes literaturas que temos atualmente, como as de José de Alencar (1829-1877) que ergueram inúmeros debates e críticas, principalmente sobre um de seus livros mais famosos *Iracema* (1865).

Dessa maneira cria-se historicamente no Brasil o sentido de apropriação do português enquanto uma língua que tem as marcas de sua relação com as condições brasileiras. Pela história de suas relações com outro espaço de línguas, o português, ao funcionar em novas condições e nelas se relacionar com línguas indígenas, língua geral, línguas africanas [...] (GUIMARÃES, 2005, p. 25)

Outra questão importante neste período foi o início da imigração no Brasil, em 1818/1820 com os alemães. E mais ainda em 1880/1930, com a vinda de alemães, italianos, japoneses, coreanos, holandeses, e ingleses; passando a ter então relações com a língua oficial e nacional, indígenas/africanas e as línguas de imigração.



Então entram na seguinte questão: “as línguas indígenas e seus falantes já existiam no Brasil quando da chegada dos portugueses e as línguas de imigração vieram depois” (GUIMARÃES, 2005, p. 25). Porém as línguas indígenas e africanas eram consideradas de povos primitivos a serem civilizados, ou escravizados, que foi o que aconteceu. E para os portugueses, os imigrantes vinham com seus idiomas, onde já eram oficiais e nacionais em seus respectivos países, que eram também já civilizados, e ainda consideravam-nos importantes, pois vieram por meio de uma ação do governo em busca de cooperação para maior desenvolvimento.

Portanto, a língua portuguesa é depois disto, a língua oficial e nacional em todo o Brasil, sendo ela materna utilizada para atos oficiais, da lei e na escola, contudo há variações com os dialetos de cada região, diferindo também com o português de Portugal, bem como de todo o mundo, pelas condições em que cada lugar e língua passam a funcionar, porém somente na escrita é que encontramos muita semelhança entre o português de Portugal e o do Brasil, pois segundo Guimarães a língua está sempre sujeita a se padronizar, seja por meio dos dicionários, da gramática, ou por outros mecanismos reguladores da língua.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAS

De fato não podemos negar tamanha a importância que teve para o Brasil a chegada dos europeus, mesmo com todo o sofrimento que por séculos os índios e negros escravizados sofreram, foi graças a esta mescla de culturas indígenas, africanas e várias outras por meio da imigração e seus costumes que formaram o que temos hoje, uma das mais diversificadas nações do mundo.

Soma-se a isto também a grande relação que teve com a disseminação da língua geral, que foi língua materna dos neobrasileiros até meados do século XVIII, para posteriormente a inserção da língua portuguesa que é nos dias de hoje, língua vernácula em todo o território brasileiro. E por fim, mas não menos importante, a necessidade de aprofundarmos o estudo na língua portuguesa, pois somente no século XIX começou-se a discutir sobre o assunto, porém apenas com interesse de estabelecer diferenças entre a língua portuguesa do Brasil para a de Portugal, e ainda especificou-se não mais que na gramática e dicionários.

## 6. REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Eduardo. **Multilingüismo, divisões da língua e ensino no Brasil:** Linguagem e letramento em foco. 2005. <disponível: <http://www.iel.unicamp.br/cefiel/imagens/cursos/11.pdf>> Acesso em 06 de junho de 2016 às 20h: 19.

GUIMARÃES, Eduardo. A **língua portuguesa no Brasil**. Ciência e Cultura. São Paulo, Vol. 57, n. 2, p. 24 – 28, Abril/Junho. 2005. <disponível: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000200015&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000200015&script=sci_arttext)> Acesso em 06 de junho de 2016 às 20h: 32.

RIBEIRO, Darcy. **Opovo brasileiro:** a evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia de Letras, 1995 p. 470.